

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE DO GAÚCHO E DA VIOLENCIA: UMA LEITURA DE “O TEMPO E O VENTO”

Cristiane Saldanha Garcia

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Resumo

Este artigo visa apresentar uma reflexão acerca da obra “O Tempo e o Vento”, do escritor Érico Veríssimo, na busca de identificar aspectos da representação da identidade do gaúcho, descritos no romance, e sua relação com conceitos de violência. Devido à extensão da obra e sua reiteração, o recorte deste estudo recai sobre o romance “O Continente”. A história se passa na cidade fictícia de Santa Fé e narra 200 anos do processo de formação do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1945, tempos marcados pelo poder das oligarquias, por guerras internas e disputas de fronteira. Os personagens criados pelo autor trazem elementos de realidade dos cenários político, econômico e social, que marcaram a história do estado. Diante disso, ressaltam-se personagens fictícios como Ana Terra e Capitão Rodrigo Cambará, os quais demonstram características interessantes a respeito de hábitos e costumes acerca da diferença de gênero, o que nos remete a reflexões sobre a relação destes com conceitos atuais de violência. Os personagens masculinos de “O Tempo e o Vento”, principalmente em “O Continente”, revelam a imagem que geralmente se faz do homem gaúcho, valente e machista. Fortes, principalmente no sofrimento, são as personagens femininas, Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria.

Palavras-chave: Identidade; “O Tempo e o Vento”; Violência.

Introdução

Percebe-se na obra “O Tempo e o Vento”, do escritor Érico Veríssimo, algumas características em seus personagens, relacionadas aos atuais conceitos de violência. Para promover a análise da obra, buscam-se conceitos na Organização Mundial de Saúde - OMS, que sistematizou algumas formas de violência, como: violência doméstica, violência intrafamiliar e violência física.

A violência doméstica é concebida como todo o tipo de violência que inclui membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. A violência intrafamiliar refere-se a toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental. A violência física ocorre quando uma pessoa, que está em posição de poder em relação a

outra pessoa, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas.

Diante disso, é possível identificar alguns tipos de violência descritos na obra supracitada, o que nos remete a discutir questões como a transmissão transgeracional da violência, a naturalização dos papéis estereotipados de gênero, o alcoolismo, a pobreza e a falta de suporte social como fatores associados aos processos de submissão e de assujeitamento às violências sofridas. O personagem Capitão Rodrigo, por exemplo, apesar de declarar amor à sua família, demonstra preferência à vida de combatente nas frequentes guerras da história do Rio Grande do Sul. Em tempos de paz, apresenta inquietação, dedicando a maior parte do seu tempo em jogos, bebidas e amantes, abandonando sua família. Contudo, Bibiana, esposa do Capitão, mantém sua admiração, paixão e dedicação ao marido e à família, demonstrando conformidade e resignação com a situação vivenciada.

Personagens como o Capitão Rodrigo e Toríbio representam uma imagem intrínseca da identidade histórica do gaúcho, que tem valores cultuados como honra, orgulho, virilidade, belicosidade, rudeza, valentia, bravura, apego à terra, hombridade, arrogância e prepotência. Já os personagens femininos, como Ana, Bibiana e Maria Valéria, exemplificam a ambiguidade do papel da mulher gaúcha, que é submissa, anulando-se em relação às suas ideias, opiniões, julgamentos e preferências, ao mesmo tempo que mostram força e coragem, não se permitindo a acomodação diante de adversidades.

A proposta deste trabalho centra-se em resgatar alguns episódios narrados na obra, que relatam situações de violência física, sexual e psicológica. Guerras e homicídios também são encontrados no romance, geralmente associados à honra, virilidade e belicosidade como características peculiares do gaúcho. Neste estudo, optou-se pela análise de conteúdo como processo metodológico, a qual é entendida como um método de análise textual que pode ser usado para tirar sentido das informações colhidas quando temos em mãos um grande volume de dados textuais. Segundo BARDIN (2002), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

O recorte deste estudo recai sobre o romance “O Continente”, que faz parte da trilogia “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo. Para tanto, o trabalho apresenta uma breve explanação biográfica do autor, seguida pela apresentação da obra. Percebeu-se a

importância de mostrar alguns conceitos de violência e representação de identidade para entender a relação de aspectos observados na trilogia com a violência.

Sobre Érico Veríssimo

Érico Lopes Veríssimo nasceu em Cruz Alta, em 1905 e faleceu em Porto Alegre, em 1975. Concluiu o ensino fundamental (antigo ginásio) em Porto Alegre. De volta a sua cidade natal, empregou-se no comércio, foi bancário e sócio de uma farmácia. Em 1930, transferiu-se para Porto Alegre, onde, depois de trabalhar algum tempo como desenhista e de publicar alguns contos na imprensa local, empregou-se na Editora Globo como secretário do Departamento Editorial. Viajou aos Estados Unidos, onde ministrou cursos de literatura brasileira.

A década de 1930 marca a ascensão literária do escritor. Em 1932, publica seu primeiro livro de contos, “Fantoches”, e em 1931 o primeiro romance, “Clarissa”, inaugurando o grupo de personagens que acompanha boa parte de sua obra. Em 1938, tem seu primeiro grande sucesso: “Olhai os lírios do campo”. O livro marca o reconhecimento do escritor no país inteiro e, em seguida, internacionalmente, com a edição de seus romances em vários países. Escreve também livros infantis, como “Os três porquinhos pobres”, “O urso com música na barriga”, “As aventuras do avião vermelho” e “A vida do elefante Basílio”.

A obra de grande envergadura de Erico Verissimo começou a ser publicada em 1949. Trata-se de uma trilogia dividida em “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago” e que tem uma abrangência histórica de 200 anos, pois se inicia em 1745 e se encerra em 1945. A ideia dominante é a do romance cíclico, conforme atesta a epígrafe que abre a obra, retirada do Eclesiastes – 1,4,5,6: “Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O Vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos.”

Pode-se dizer que o cíclico se dá pela sucessão das gerações de duas famílias-chave: os Terra e os Cambará, que se unem várias vezes pelo casamento. Na visão do escritor, funcionam quase como arquétipos dos indivíduos construtores do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, os Terra têm como características a perseverança, obstinação, amor à terra, força conservadora. São representados por personagens como Ana, Bibiana, Maria Valéria. Já os Cambará, representam a generosidade, despropósito,

sonho, aventura, amor pela liberdade e ação, irresponsabilidade, que podem ser observados nos personagens Capitão Rodrigo, Dr. Rodrigo e Toríbio.

Na obra “Solo de Clarineta”, o autor revela que muitos dos seus personagens são criados a partir de caricaturas de pessoas que passaram por sua vida, seja na infância, adolescência ou já na vida adulta. Ao referir-se às mulheres de sua família, menciona alguns personagens.

Creio que nesse lado da minha família as mulheres eram mais enérgicas e moralmente corajosas que os homens. Isso talvez explique a presença em meus romances de personagens femininas de caráter forte como (...) Bibiana, Maria Valéria e principalmente Ana Terra. (VERÍSSIMO, 2007, p.32)

Nesse sentido, pode-se dizer que a inspiração do escritor ao criar personagens fictícios foi baseada em características de pessoas de seu meio. Diante disso, entende-se que suas obras, que misturam fatos ficcionais resgatando fontes históricas, também espelham-se em testemunhos individuais.

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem me animado até hoje a ideia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é ascender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. (VERÍSSIMO, 2007, p.45)

Dessa forma, Érico Veríssimo soube mover-se entre os universos da ficção e da realidade, como escritor e cidadão, desvelando hábitos e costumes da cultura regional.

O Tempo e o Vento

A trilogia “O tempo e o vento” descreve a saga da família “Terra Cambará” em meio a formação do Rio Grande do Sul. A história se passa na cidade fictícia de Santa Fé e narra 200 anos do processo de formação do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1945. Tempos marcados pelo poder das oligarquias, por guerras internas e disputas de fronteira. Mistura personagens criados pelo autor com os reais do cenário político, econômico e social da época.

A obra é composta por sete volumes, divididos em três romances: “O Continente”, “O Retrato” e o “O Arquipélago”. Segundo Lisboa Filho (2009, p. 98):

O tempo e o vento é uma obra ficcional, mas que se apoia em fatos históricos que permeiam a história do Rio Grande do Sul, bem como nos valores, hábitos e tradições da época. Nos livros da coleção existe uma cronologia da

história do estado, de modo que fica nítido o uso dos fatos históricos na vida de cada um dos personagens criados pelo autor.

Nesse sentido, ressalta-se que a análise desta obra mostra-se muito contributiva para o estudo de conceitos atuais de violência. Visto que a obra ampara-se em elementos de realidade e o esteriótipo de gaúcho, hoje pautado pela mídia, seguindo os moldes forjados pela literatura e a historiografia regional.

O Continente

“O Continente” cobre um período que vai de 1745, quando os vicentinos começaram a se instalar no território e as missões jesuíticas foram destruídas, até 1895, com as lutas do início da República. Dividido em dois volumes, este primeiro tomo mostra a formação da família Terra Cambará e a fundação do povoado de Santa Fé. Desfilam nesta primeira parte da trilogia algumas das personagens mais fascinantes da obra, como o enigmático Pedro Missionário, a corajosa Ana Terra, o intrépido e sedutor capitão Rodrigo e a tenaz Bibiana.

Intercalado pela história do sítio ao sobrado – capítulos I e IV - onde morrem Florêncio Terra e a filha recém-nascida de Licurgo, durante uma revolta em 1895, “O Continente - I” conta 150 anos da história do Rio Grande do Sul pela vida da família Terra-Cambará.

O segundo capítulo é “A Fonte”, e conta a história de Pedro Missionário, que nasceu em 1745, morou nos Sete Povos das Missões e adquiriu de um padre (seu padrinho) uma adaga que passa pela família em todas suas gerações. Pedro tinha visões que se realizavam, dizia ser filho da Virgem Maria. Ele saiu da Missão três meses após a morte de Sepé Tiaraju.

No capítulo intitulado “Ana Terra”, tem-se a história de Ana, jovem filha de Maneco Terra, que ajuda Pedro Missionário a se curar após cair ferido em seu rancho. Ana Terra se apaixona por Pedro e dele engravidou, passando assim a ser desprezada pelo pai e os irmãos, que matam Pedro. Quando o rancho é atacado, seu pai, seu irmão (o outro se mudara e abriu uma venda) e dois escravos são mortos e ela é estuprada, mas sua cunhada e as crianças se salvam disto tudo escondidos. Após enterrar os cadáveres, ela segue para as terras do Coronel Amaral para ajudar na fundação de um povoado chamado Santa Fé. Lá se torna parteira.

No capítulo “Um Certo Capitão Rodrigo” apresenta-se o Capitão Rodrigo Cambará, caracterizado pela crença de que Cambará macho não morre na cama. Luta

nas coxilhas contra os inimigos dos gaúchos, sempre reforçando sua valentia. Um anti-herói que chega ao povoado de Santa Fé e se apaixona por Bibiana, neta de Ana Terra e filha de seu único filho, Pedro.

Bibiana era disputada pelo jovem Bento Amaral, o que leva Rodrigo e ele a um duelo com arma branca. Rodrigo entalha um P na cara de seu rival, mas leva um tiro traiçoeiro antes de por “a perninha do R”. Após casar-se com Bibiana, a contragosto do pai Pedro Terra, Rodrigo abre uma venda com Juvenal Terra, irmão de Bibiana, e começa a se degenerar, traindo a esposa, bebendo e jogando. Logo não suporta a vida sem os grandes desafios dos campos de batalha, ao ar livre e sem os amores fáceis e descompromissados. Morre em combate, quando os Farrapos lutam para tomar o casarão dos Amarais, inimigos dos Terra Cambará.

“O Continente – II” é composto por seis capítulos e inicia com “A Teiniaguá”, apresentando os personagens Luzia, Florêncio e Bolívar. Florêncio é o filho de Juvenal Terra e melhor amigo de Bolívar durante a infância. Luzia é a neta de um agiota que se estabelece em Santa Fé. Luzia é sádica, como a teiniaguá, uma lenda gaúcha que conta a história de uma princesa moura transformada em lagartixa com cabeça de diamante, a qual gosta de ver outros sofrerem, mas sua beleza atrai todos os homens. Assim, Luzia seduzia Florêncio e Bolívar. Ela se casa com Bolívar depois que este volta da guerra, muito perturbado. Lentamente eles começam a se afastar dos amigos. Por fim - quase tudo isto observado pelo ponto de vista do médico da cidade, Carl Winter - ela demonstra todo sadismo ao continuar em Porto Alegre durante um passeio, mesmo estando em meio de uma epidemia de cólera. Ao voltarem à Santa Fé, ambos se trancam no quarto após uma violenta discussão de Luzia com Bibiana. Luzia se sente presa a Santa Fé. Bibiana, que estimulara a união para passar a viver no Sobrado, construído no terreno da casa de seu pai e tomado pelo agiota, sabe como Luzia é má. Estavam de quarentena no Sobrado, quando Bolívar fugiu atirando contra os homens do Coronel Amaral, que lhe prendiam humilhantemente em casa e caiu morto, enviuvando Luzia e deixando órfão de pai seu filho Licurgo.

“A Guerra” conta a história dos anos finais de Luzia, que tem um tumor no estômago, e sua disputa com Bibiana pelo amor de Licurgo enquanto este cresce. Neste capítulo, a preocupação principal de Bibiana é permanecer no Sobrado. “Ismália” conta a história de Licurgo já mais velho, trabalhando em Santa Fé pela proclamação da República. Licurgo casa-se com sua prima Alice, filha de Florêncio Terra, por

conveniência, pois tem um relacionamento com Ismália Caré, sua “amásia” por toda a vida, com quem tem um filho “bastardo”.

A luta pela República enfim tem sucesso e a rivalidade dos Terra Cambará com os Amaral continua com Alvarino e Licurgo, tal qual como fora entre Bento e Rodrigo. Diante do exposto, observam-se alguns aspectos relatados na obra que nos remete a discussões acerca dos conceitos atuais de violência, uma vez que entende-se que o autor mistura fatos ficcionais com dados históricos, bem como espelha personagens fictícios com testemunhos individuais.

Violência

A Organização Mundial da Saúde sistematizou algumas formas de violência. A violência doméstica é concebida como todo o tipo de violência que inclui membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. A violência intrafamiliar refere-se a toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental. A violência física ocorre quando uma pessoa, que está em posição de poder em relação a outra pessoa, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas.

Diante disso, para pensar o fenômeno da violência, entende-se necessário olhar para a história com o intuito de identificar questões que, ao longo do tempo, foram se fazendo presentes nas relações interpessoais, a partir de determinantes econômicos, sociais, éticos, culturais e políticos. Segundo Kraemer e Bianquini (2009), não existe uma definição única de violência, pois cada sociedade e cada cultura a conceituam de acordo com seus valores.

No romance “O Continente”, observam-se cenas de violência sexual contra mulheres, evidenciando o domínio dos homens sobre as mulheres no espaço doméstico e social. Algumas cenas descrevem situações de abuso sexual contra mulheres, como a sofrida por Ana Terra, quando castelhanos invadiram o sítio de sua família:

Ana sentia que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entradas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer mas não conseguiu. O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiu nas faces,

procurando, ao mesmo tempo, mordê-lo. (porque Deus não me mata?). Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos. (VERÍSSIMO, 1997, p. 122)

A violência relatada no trecho citado não acontece apenas nas obras de ficção. Os crimes de estupro são noticiados na mídia frequentemente. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV (2002), o estupro se enquadra nos Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero.

A descrição de outro abuso sexual ocorre de forma mais sutil na cena em que o Capitão Rodrigo Cambará, que está hospedado na venda do Nicolau, descobre que seu anfitrião saiu à noite para caçar, conforme pode ser evidenciado no trecho a seguir.

O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa cama... Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea. Fazia tempo que Rodrigo não tinha mulher (...) Ela estacou muda. Ele a segurou pelos ombros e puxou-a para dentro do quarto. Sentiu que ela tremia toda, como se estivesse com sezões, mas não fez nenhum gesto, não disse a menor palavra. Arrastou-a para a cama. (VERÍSSIMO, 2007, p. 207).

Embora pareça haver certa concessão por parte da vítimas, o abuso caracteriza-se como uma parafilia, ou seja, fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitantes, em geral envolvendo objetos não humanos, sofrimento ou humilhação, próprio ou do parceiro, ou crianças ou outras pessoas sem o seu consentimento.

Nas cenas, percebe-se que o agressor entende a vítima como um objeto, negando sua condição de ser humano e sujeito de direitos.

Frequentemente tinha de saciar seu desejo de Bibiana no corpo magro da mulher do Nicolau, o qual começava já a desconfiar de tudo mas preferia fingir que não sabia de nada. (...) às vezes ficava irritado com Paula, porque ela não era nova, bonita e limpa como Bibiana. A chinoca continuava a deixar-se usar num silêncio submisso e sempre assustado. (VERÍSSIMO, 2007, p. 218)

Segundo Kraemer e Bianquini (2009, p. 189), “traços dessa cultura que inferioriza e menospreza capacidades e características próprias da condição feminina contribuem para perpetuar a discriminação da mulher, favorecendo a continuidade de situações de violência”. A dependência financeira dos parceiros e a falta de apoio da família extensa e da comunidade também são entendidas como mantenedoras de sua posição de desvalia, isolamento e submissão aos abusos sofridos. A vergonha da

violência sofrida também pode ser identificada como um dos fatores que dificultam a busca de suporte no sistema de apoio familiar e comunitário, o que dificulta o rompimento com a situação abusiva.

Outros tipos de violências encontradas no romance são caracterizadas pela transmissão transgeracional e a naturalização dos papéis esteriotipados de gênero, conforme nos mostra o personagem Pedro Terra:

Uma vez, no tempo de menina, Bibiana apanhara uma sova da mãe e quando, como o rosto cheio de lágrimas ela fora, soluçando, queixar-se ao pai, esperando que ele a tomasse nos braços e a consolasse, Pedro Terra, de mãos às costas, baixara os olhos para ela e limitara-se a dizer: - Não é nada, pata de galinha nunca matou pinto. (VERÍSSIMO, 2007, p. 253)

Percebe-se a naturalização da violência utilizada como ferramenta de educação na criação dos filhos. A falta de paciência também aparece no romance, evidenciando violência psicológica. “Havia momentos em que Rodrigo perdia a paciência com os filhos. Era quando eles o despertavam à noite com seu choro: - Cala essa boca filho dumãe! Esgoela esse desgraçado!” (VERÍSSIMO, 2007, p. 267).

Em outro momento, Pedro Terra, com seus ditados, mostrava a sua maneira de avaliar as pessoas, ressaltando o esteriótipo idealizado de gênero: - “Mulher que muito ri não pode ser boa coisa” (VERÍSSIMO, 2007, p. 253). Segundo Narvaz (2007), o alcoolismo, a pobreza e a falta de suporte social também são fatores associados aos processos de submissão e de assujeitamento de mulheres vítimas de violência. No romance, identifica-se a violência conjugal sofrida por Bibiana, após casar-se com o Capitão Rodrigo.

Todos sabiam que Rodrigo não vendia um copo de cachaça sem beber outro, junto com o freguês. Vivia em rodas de solo e bisca e jogava a dinheiro; aos domingos ia para as carreiras e fazia apostas altas. Gastava também um dinheirão com galos de rinha. Diziam que frequentava o rancho da Paragaia, uma índia velha que morava lá para as bandas do cemitério e que cedia a neta de dezoito anos a quem estivesse disposto a pagar por ela alguns patações. (VERÍSSIMO, 2007, p. 266)

Violência conjugal tem sido entendida como violência contra a mulher cometida pelo parceiro no contexto de uma relação afetiva e sexual. A categoria de violência conjugal abrange as formas de violência física, violência sexual e violência emocional ou psicológica. No caso de Bibiana, a violência conjugal se dá através da violência emocional, uma vez que fica clara a posição de assujeitamento às situações de

sofrimento causadas pelo comportamento do marido. “Em certos dias em que o Minuano soprava,(...) Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar” (VERÍSSIMO, 2007, p.257).

Narvaz (2007) afirma que muitas mulheres permanecem em relações abusivas a fim de manterem a família unida. A questão cultural também evidencia-se como grande vilã da violência contra a mulher, uma vez que os papéis preestabelecidos de conduta dão ênfase ao machismo, cabendo ao homem o espaço público e à mulher o espaço privado. Bibiana “(...) estava acostumada às patifarias do marido. Sabia que quando ia a Rio Pardo dormia com outras mulheres. Tolerava que ele sustentasse a casa da paraguaia e passasse até algumas noites com Honorina.” (VERÍSSIMO, 2007, p. 282).

Segundo Narvaz (2007), os papéis estereotipados de gênero veiculados pela cultura através da família tornam invisível tanto a produção quanto a reprodução da subordinação feminina, solo fértil para a ocorrência de violência. “Havia pessoas viciadas em pitar cigarro ou cachimbo, pessoas viciadas no jogo de cartas ou na bebida. O vício dela era Rodrigo.” (VERÍSSIMO, 2007, p. 269).

Nesse sentido, a obra de Érico Veríssimo nos faz refletir sobre alguns conceitos de violência, essenciais para entender este fenômeno tão presente nas relações interpessoais. Outros tantos exemplos poderiam ser igualmente resgatados da obra para embasar esta reflexão acerca da violência. Contudo, isto se tornaria por demais de exaustivo em função de sua reiterada repetição e da contribuição para este trabalho.

Representação identitária

Segundo Lisboa Filho (2009), no estudo da trilogia pode-se perceber alguns traços de gauchidade que ajudam a caracterizar o imaginário sobre o gaúcho. São eles: “belicosidade, honra, rudeza, valentia, bravura, apego à terra, hombridade, orgulho, arrogância e prepotência”. Pode-se dizer que essas características identificam um determinado grupo social, significando, a grosso modo, uma representação de identidade.

No caso da identidade gaúcha, podemos assistir a uma determinada produção de sentidos que obtém um espaço privilegiado na constituição do campo de significação do que “é ser gaúcho”. Pode-se falar na predominância da representação do gaúcho do pampa, do meio rural, corajoso e destemido. São elementos que, segundo Jacks (1999), fazem parte do “mito do gaúcho”, o qual, ainda conforme a autora, engendrou um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e impor-se como

padrão de comportamento. No caso dos personagens masculinos de *O tempo e o Vento*, reitera-se a questão da honra, do orgulho e da virilidade como postura obrigatória no processo de significação da identidade do gaúcho.

Segundo Lisboa Filho (2009), esses valores são, hoje, nitidamente cultuados e refletem a maneira de pensar e agir, enraizados no imaginário coletivo das gerações que sucederam a época de Ana Terra. Segundo Castells (1999):

(...) A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. (CASTELLS, 1999, p. 23)

Nesse sentido, pode-se dizer que a construção da identidade do gaúcho também se dá por meio da história de formação do Rio Grande do Sul, relatada na literatura, documentos e memória coletiva, passada de geração em geração. Segundo Bundt (2011, on-line) “a Identidade Cultural pode ser compreendida a partir da ideia de saber quem se é, de onde se veio, onde se está”. Pode-se dizer que essa identidade é um conjunto de sistematizações simbólicas que passa pela formação cultural de uma sociedade e sua evolução influencia e determina cada sujeito que a compõe, agrupando-os de acordo com suas similaridades e diferenças.

As construções sociais que moldaram o estado gaúcho deram conta de semear e consolidar no imaginário popular a figura do gaúcho aragano como o modelo fundador, e trouxeram essa imagem amarrada e encilhada num mito potente e auto-sustentável, que vinga através das décadas. A guerra é o momento crucial dessa construção identitária, o acontecimento aglutinador que tangencia e define a conformação do Rio Grande do Sul, relembrada e comemorada anualmente, independente de seus resultados e processos, confundindo-se os eventos todos num só. Toda a sorte de conflitos existente através dos anos evocou esse espírito belicoso, atualizando o discurso destes novos enfrentamentos de acordo com as necessidades do momento vivido (BUNDT, 2011, on-line).

Assim, a construção da identidade do gaúcho, observada na obra, demonstra que o gênero representativo do gaúcho, atualmente, não é apenas masculino, conforme constatam alguns autores. A afirmação dessa identidade acontece pela significação criada em torno de personagens como o Capitão Rodrigo, Pedro Missionário, Toríbio, Licurgo, entre outros, que se tornam símbolos da paixão pela guerra, do gaúcho

destemido, que tem amor pela liberdade e respeito pelas tradições da vida no pampa, ou seja, características tradicionalmente cultuadas como típicas da alma gaudéria. No entanto, segundo Bundt (2011), a mulher teve diversas oportunidades de ser representada na literatura e no cinema como integrante e formadora da sociedade sul-rio-grandense, mas poucas ocasiões fora do papel coadjuvante, o que garantiu a essas personagens, como Ana Terra e Bibiana, uma notoriedade por vezes superior às personagens masculinas. Contudo, Bundt (2011) ressalta que no imaginário social, o gênero do gaúcho é masculino, mais lembrado como Capitão Rodrigo Cambará do que como Ana Terra, que apresenta como característica o destemor e a violência, que se abateu sobre sua vida e a modificou, exigindo força e até indiferença às dificuldades, pois ela era uma sobrevivente, acima de tudo.

Diante disso, Jacks (1999) observa que a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nesta concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se dizer que a obra estudada mostra aspectos relevantes para as atuais discussões sobre violência, ressaltando a representação da identidade do gaúcho como fator que pode contribuir, de certa forma, para a ocorrência de situações relacionadas à violência. Questões como a transmissão transgeracional da violência, a naturalização dos papéis estereotipados de gênero, o alcoolismo, a pobreza e a falta de suporte social, podem ser entendidos como fatores associados aos processos de submissão e de assujeitamento às violências sofridas, principalmente pelas mulheres.

Desta forma, apesar de se tratar de uma obra de ficção, entende-se que o autor mistura fatos ficcionais com dados históricos, bem como espelha personagens fictícios com testemunhos individuais. Por outro lado, é possível que a literatura tenha significativa influência no processo de ressignificação da imagem do gaúcho. Diante disso, ressalta-se a figura do Capitão Rodrigo Cambará, um anti-herói retratado por seu comportamento inadequado com as mulheres que se relaciona e com sua família, mas diante da esposa e da sociedade é reconhecido, amado e apreciado com honrarias de herói. Assim, evidencia-se a tendência do gaúcho ao maniqueísmo, pecando ao não reconhecer personagens históricos que representam a identidade do gaúcho no

imaginário social como pessoas com qualidades e defeitos, conforme qualquer ator social.

Nesse sentido, é possível que situações semelhantes às cenas descritas no romance aconteçam nos dias atuais. Sabe-se que a violência faz parte da rotina de muitas famílias, apesar da existência de instrumentos legais de defesa dos segmentos mais vulneráveis como mulheres, crianças e adolescentes, idosos e pessoas com deficiência.

A questão da violência conjugal, por exemplo, evidenciada no relacionamento do Capitão Rodrigo com Bibiana, é, muitas vezes, invisível na realidade de muitas famílias, devido aos papéis esterotipados de gênero. A pobreza e a falta de suporte social, entendidas como fatores associados ao processo de submissão da violência, mostra a importância da efetiva garantia de direitos sociais e humanos, através de políticas públicas mais consistentes e eficazes de combate à violência.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 2002.
- BUNDT, Roger Luiz da Cunha. **Anahy de las Misiones e a identidade gaúcha**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/ad/GT3-_04-Anahy_de_las_misiones_-_Roger.pdf> Acesso em: 07/07/2011.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- DOSSIÊ. **Violência de gênero contra meninas**. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.redesaude.org.br>> Acesso em: 29/05/2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica:um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- KRAEMER, Luciane; BIANQUINI, Neli Troian. Violência contra mulheres: a face oculta do problema. In: MARCHEZAN, Nair Angélica Camasseto; MENDES, Luis Marcelo. **Expressões de violência e seu enfrentamento no CREAS**. 2. ed. Passo Fundo: Méritos, 2009.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia regional**: gauchidade e formato televisual no Galpão
- Crioulo. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em ciências da comunicação, Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo, 2009.
- NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Silvia H. **Compreendendo subjetividades assujeitadas**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1405/1105>> Acesso em: 29/05/2011.
- SILVA, T.T.et al. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**: O Continente I. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- _____. : _____. O Continente II. 29. ed. São Paulo: Globo, 1997.

_____. **Solo de Clarineta**: Volume I. 21. ed. São Paulo: Globo, 1997.